

A LITTERATURA BRAZILEIRA

SUAS RELAÇÕES COM A PORTUGUEZA; O NEO-REALISMO

I.

Ha na vida das nações certos momentos de caracter pratico, em que ellas como que fazem alto na tarefa que seu genio lhes traçou, para prepararem o balanço dos resultados obtidos, das riquezas accumuladas.

Estas épocas, essencialmente criticas, produzem, ao envez do que geralmente se pensa, resultados positivos, e servem de orientação ao espirito dos povos.

O trabalho da producção popular, na sua generalidade, é inconsciente; a elaboração das idéas assemelha-se a uma vegetação mais ou menos vigorosa na medida da uberidade do sólo. De envolta com as arvores fructiferas e uteis brotam plantas damninhas, que devem ser extirpadas do terreno. Desembaraçado o passo, os povos seguem outra vez o seu caminho, munidos de novas forças, secundados por melhores incentivos. Estes renovamentos do idéal das nações seguem-se sempre aos tempos de crise, em que a critica depura a atmospheria intellectual, suffocando os germens parasitarios, que ameaçam destruir o organismo publico.

As velhas e cultas nações do antigo mundo tem assistido, por vezes, a esses phenomenos de renovação. O Brazil, depois de quatro seculos de contacto com a civilização moderna, parece ter chegado ao momento de olhar para trás a ver o que tem produzido de mais ou menos apreciavel no terreno das idéas.

Uma nação se define e individualisa quanto mais se afasta, pela historia, do character das raças que a constituíram, e imprime um cunho peculiar à sua mentalidade.

A civilização, com ser uma só e cosmopolita, não suffoca, numa uniformidade monotonica, os impulsos originaes dos povos virís.

Neste trabalho de *differentiação nacional*, o brasileiro será tanto mais progressivo e autonomico, quanto mais, apropriados os germens uteis que legaram-lhe as raças que o constituíram, dellas afastar-se, formando um typo à parte, uma individualidade distincta.

A nação brasileira, si tem um papel historico a representar, só o poderá fazer quanto mais separar-se do *negro africano*, do *selvagem tupy* e do *aventureiro portuguez*.

Bem como no mundo physico corpos diversos e estranhos combinados produzem resultados distinctos e inesperados, assim na historia a combinação de raças differentes numa só região vem a offerecer ao adiante o espectaculo das civilizações originaes.

E' inutil apontar exemplos que devem estar na mente de quantos hajam estudado as emigrações das raças e as civilizações antigas e modernas.

No Brazil o processo da integração nacional ainda é muito recente e está muito longe de ter produzido todos os seus resultados. Os dois grandes agentes de transformação—a natureza e a mescla de povos diversos—estão por emquanto ainda em acção, e o resultado não póde ser determinado com segurança. Em todo caso já é tempo de lançar-se um olhar retrospectivo sobre a sua historia intellectual, para marcar os primeiros traços da individualidade embryonaria deste povo recente.

A litteratura é uma das manifestações de sua actividade mental, e póde com proveito ser consultada como symptoma de seu progresso ou decadencia.

Desde logo cumpre-me repetir ainda uma vez que não pertenço por fórma alguma ao numero dos bemaventurados que julgam que o imperio da America vaca às maravilhas.

Opino diversamente: o pobre povo brasileiro vae mal, muito mal, e entre as nações christãs só um similar encontra na desgraça:— o desventurado e mesquinho Portugal.

Nós temos já alguns trabalhos relativos á nossa litteratura deste e dos passados seculos. Todos, porém, peccam pela ausencia de um criterio positivo, a falha de uma idéa dirigente e systematica.

Não é por certo a rhetorica do conego Pinheiro, do professor Sotero, do conselheiro Pereira da Silva, ou do visconde de Porto Seguro e outros, que poderá nos explicar a significação de uma época ou de um typo qualquer da nossa historia. A *sciencia official* é sempre manca, e o seu merito é o mesmo das commendas que condecoram o peito de seus adeptos. Só uma outra fonte de idéas, despreconcebidas e sérias, nos poderá explicar o enigma, aliás simplissimo, de nossa vida espiri-
tual.

Comprehende-se facilmente que me não compete neste lugar outra cousa além de rapidamente traçar a evolução intellectual brasileira.

Darei ligeiros toques sobre o character dos nossos quatro seculos, um por um, e dos escriptores (sómente os de merito), quenelles figuraram.

O capitulo preliminar de uma historia da litteratura brasileira, quando a escreverem com rigor scientifico, deverá ser uma inquirição do como o clima do paiz vae actuando sobre as populações nacionaes; o segundo deverá ser uma analyse escrupulosa das origens do nosso povo, descrevendo, sem preconceitos, as raças principaes que o constituiram.

Sobre o clima dever-se-á notar, entre outras verdades, que, si nos faltam aquelles temerosos phenomenos, como os terremotos e os vulcões, que Buckle magistralmente descreve como causadores das superstições primitivas, si nos faltam tambem as montanhas gigantescas que excitam demasiado as imaginações, temos de sobra o *calor* e o flagello das *séccas*, que periodicamente tem assolado a mór parte do paiz, produzindo o *desanimo*. Assim, si o povo brasileiro não é dos mais phantasticos

e supersticiosos do mundo, todavia é um dos mais desanimados e apathicos.

Sobre as raças dever-se-à ter o cuidado de não esquecer nenhuma dellas, como, ainda não ha muito, o fez o Sr. Th. Braga, que nas poucas paginas que escreveu sobre a poesia brasileira nem uma palavra disse das origens africanas de nosso povo (1).

Dever-se-à tambem evitar a leviandade com que este escriptor persiste em repetir, como descoberta novissima, a desacreditada theoria da existencia de uma raça *turana*, a que filia, segundo o velho erro, os povos indigenas da America. Si o Sr. Th. Braga, em lugar de ler o catholico Lenormant, estudasse Schleicher, Whitney, Fred-Muller, Vinson, não se daria ao trabalho de repetir a velha theoria de Max-Müller sobre o *turanismo*, nem viria apresentar como achado admiravel o livro de Varnhagen sobre *as origens turanas dos americanos* (2).

O terceiro capitulo de uma historia de nossa vida espiritual haveria de ser o estudo da nossa poesia e contos populares em sua triplice proveniencia.

Não é occasião disso agora.

Concentrando este esboço ao que diz respeito sómente à poesia litteraria, devo passar de relance sobre as épocas transactas, para mostrar a filiação dos nossos poetas de hoje.

Ha um facto, tão repetido entre nós, que constitue já um verdadeiro *principio* para o estudo da nossa litteratura: é o character de *importação* de quasi todos, sinão de todos, os nossos movimentos intellectuaes.

Dest'arte não é possivel escrever a historia do pensamento brasileiro sem referil-a às litteraturas que o tem influenciado até aqui: — a portugueza, a franceza e, mui recente e limitada-mente, a allemã.

No primeiro seculo (XVI) da descoberta e colonização do Brazil não houve aqui movimento algum scientifico ou litterario. Em compensação, porém, começaram as relações das tres raças

(1) Parnaso Portuguez Moderno—*Introdução*.

(2) *Les Origines touranniennes des Américains - Tupis - Caribes*.

que teriam de formar a população futura desta parte da America; principiaram ellas a crúzarse, foi-se operando a transplantação do romanceiro e dos contos portuguezes para o Brazil, e tambem o entrelaçamento destes com os cantos e contos tupys e africanos.

Assim os primeiros trabalhos historicos e topographicos sobre o paiz, e as primeiras investigações sobre a lingua dos aborigenes, são desta época. Comtudo os tres elementos estavam ainda muito desaggregados.

No seculo seguinte (XVII) já as cousas mudaram de aspecto; já foram então possiveis dois phenomenos singulares: primeiro — a expulsão hollandeza feita exclusivamente pela iniciativa dos filhos da colonia, quasi sem o auxilio da metropole; segundo — a existencia de um Gregorio de Mattos.

O movel principal do primeiro acontecimento foi, sem duvida, um motivo religioso, o *odio á heresia*. Mas é innegavel que um certo sentimento de patria já então irrompia do seio das populações brasileiras.

As tres raças acharam-se representadas em seus respectivos heróes: os *brancos* em Barreto de Menezes, os *indios* em Camarão, e os *negros* em Henrique Dias.

Já era real tambem a existencia do *mestiço*, representado em Calabar — o espirito mais intelligente do seu tempo.

A nossa historia *official* fez de Calabar um renegado; é innegavel entretanto que aquelle mestiço comprehendeu que, a continuar este paiz a ser uma colonia da Europa, era preferivel que o fosse da Hollanda a ser de Portugal.

E elle tinha razão...

A superioridade da patria livre de Erasmo e de Spinoza era incontestavel sobre a terra de João III, a terra dos inquisidores e da sujeição hespanhola.

Quanto a Gregorio de Mattos, elle é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações soffridas pela lingua portugueza na America e as primeiras manifestações do espirito nacional, onde predomina a *veia comica*, despertada pelo espectaculo das relações de tres povos diversos, que tem, cada um, certo timbre em *chasquear* dos outros.

No seculo XVIII o trabalho de integração popular tinha-se avantajado bastante. O commercio havia progredido ; o conhecimento do paiz avançado. As tres raças tiveram de quando em vez suas rivalidades e appareceram os phenomenos conhecidos sob o nome de *Quilombos dos Palmares, Guerra dos Emboabas e dos Mascates*. (1)

Acima de tudo isto a consciencia nacional tinha progredido ; a idéa da *patria* como que amadurecera, e a *Inconfidencia* vira a luz.

O espirito brasileiro é desde então um pouco avantajado ao portuguez. A *vis comica* actua em Antonio José ; a poesia lyrica volta-se para a natureza e produz Gonzaga, infinitamente superior aos lyricos da metropole. A luta dos conquistadores e dos aborigenes desperta tambem o sentimento da verdade, e a epopéa torna-se naturalista com Basilio e Durão, immensamente preferiveis aos épicos do reino em seu tempo !

As fórmulas lyricas superabundaram. Nós demos então lições de naturalidade aos portuguezes, que as desprezaram pelo orgão de Bocage e Filinto.

O Sr. Th. Braga, romantico recente e recente idéalista, sectario de Hugo, Michelet, Quinet, com a precipitação anti-scientifica, que o distingue, depois que leu Lenormant (2) abandonou o *mosarabismo* com que explicava o espectáculo da litteratura portugueza, e voltou-se para o *turanismo*: agora vê *turanos* por toda a parte!... Si existe uma poesia lyrica no sul da Europa, é porque lá andaram os *turanos*; si este lyrismo tem certos pontos de contacto em diversos paizes... foram os *turanos*; si o basco existe na Hespanha... *turanos*; si os gallegos tem um lyrismo aproximado ao dos portuguezes... *turanos*; si os cantos europeus passaram á America e alli conservam-se... é porque ahi encontraram os seus irmãos de raça, os cantos dos *tapuias*, que eram *turanos*!... E isto em nome dos ulti-

(1) Os *Quilombos dos Palmares* foram dos fins do seculo XVII.

(2) *Les Premières Civilisations*.

mos avanços scientificos, quando justamente os derradeiros achados da sciencia desmentem a velha e orthodoxa theoria de que os americanos vieram da Asia pela ponte *aleutica* ou pela Oceania.

As ultimas affirmações de Lenormant, repetidas sem criterio por Th. Braga, vem a ser:—que as raças humanas se reduzem a tres classes—turanos, semitas e aryanos; que a civilização dos turanos precedeu as outras; que elles foram os descobridores dos metaes.

Ora, a divisão de todos os povos da terra em tres grupos é hoje insustentavel depois dos novissimos trabalhos da linguistica e da anthropologia; a existencia de algumas civilizações, não semiticas ou indo-européas, não produz só por si a prova de que ellas fossem de uma só especie e turanas; a descoberta dos metaes, pelo que toca aos indios do Brazil, é justamente um argumento contra o Sr. Braga. Nossos indios desconheciam o uso dos metaes; não tinham, portanto, a caracteristica principal da pretendida raça *turana*. Para explicar, pois, a persistencia das fórmulas lyricas no Brazil não é mister fazer dos indios uns grandes poetas, nem mascarar-os de turanismo. A lyrica existiu sempre entre todas as raças.

Aryanos, semitas, uralo-altaicos, malaioes, polynesios, dravidianos... todos conheceram o lyrismo, como um producto espontaneo do espirito popular. Para isto não se faz mister inventar parentellas phantasticas de raças.

Para explicar tambem o facto do naturalismo poetico dos brasileiros do seculo passado, devemos esquecer as aberrações de Th. Braga. O facto é simples: a presenca de uma natureza brilhante, a juvenilidade da nação que se ia formando, o predominio das faculdades imaginativas num povo criança, tudo isto explica o lyrismo brasileiro. A variedade de seus tons prova-se pelas impressões diversas das tres raças, que contribuíram, cada uma, com a sua parte. A uniformidade dos moldes metricos finalmente demonstra-se pelo facto de uma só ser a lingua que foi predominando sobre as

outras: a lingua do vencedor, que imprimiu as suas fórmulas metricas e estrophicas ás canções de todos. (1)

No seculo actual (XIX) nós precedemos os portuguezes na vida revolucionaria e constitucional.

Antes de seu insignificante movimento de 1820, nós havíamos tido os successos de 1817; antes de terem elles uma constituição, mais ou menos liberal, nós a tínhamos; antes de se verem livres de D. Miguel, tivemos a abdicação de D. Pedro. Em uma palavra, elles nada possuem que se possa equiparar aos nossos impetus revolucionarios deste seculo. (2)

O romantismo marca, intellectualmente, o primeiro passo decisivo que fizemos para deixar de lado a cultura lusa.

Os nossos moços, de 1822 em diante, começaram a ler os escriptores francezes e inglezes de preferencia aos livros de Portugal.

E tinham razão: o velho reino havia feito completa bancarrota de idéas, e não tem passado neste seculo de infimo glosador dos desperdícios francezes.

Si continuássemos a pensar sómente pelo criterio dos livros de Lisboa, teríamos chegado, como eu já disse uma vez, à completa *paralysis intellectual*. (3)

A maior vantagem, a meus olhos, que nos trouxe o romantismo, vem a ser o facto apontado; o seu maior defeito o ter pretendido concentrar exclusivamente, e em certo tempo, toda a poesia brasileira no circulo do *indianismo*.

Não devo repetir aqui o que em outro tempo escrevi sobre o *romantismo brasileiro*; ainda hoje aceito as conclusões de então. (4)

Pela acção da Independencia, do movimento romantico e do enlarguemento commercial, começámos a conhecer o mundo, e

(1) O *turanismo* do Sr. Th. Braga começou a despontar em 1877 no *prefacio ao seu Parnaso Portuguez Moderno*; accentuou-se mais em 1878 na sua *Historia Universal*. Lenormant fez, quasi que por si só, as despesas desta transformação recente.

O seu positivismo, tambem de data proxima (*Constituição Positiva da Esthetica*—1875 e *Traços Geraes de Philosophia Positiva*—1878), não o garantiu contra fallaciosas theorias ethnologicas.

(2) Os successos de 1817, 24, 31, 35, 42, 48.

(3) *O Romantismo no Brazil*. (Trabalho de 1873).

(4) *O Romantismo no Brazil*. (Trabalho, de 1873.)

vimos a figura minima que Portugal ahi representa. O velho reino perdeu definitivamente o encanto a nossos olhos.

Dahi certa exasperação que se tem, de tempos a tempos, apoderado dos escriptores portuguezes no seu modo de tratar o Brazil e os brasileiros.

Os casos das *Farpas* e do *Cancioneiro alegre* são ainda muito recentes. Ahi está um symptoma pathologico evidente da apathia intellectual do velho reino. Esbofa-se hoje em objurgatorias estereis, falhas de seriedade e de sentimentos elevados.

Entretanto o espirito imparcial irá descobrir que neste seculo a poesia lyrica brasileira excede a portugueza em brilho e verdade. Th. Braga reconhece este facto; é que este escriptor, apezar de seus arrojamentos gratuitos, tem mais senso critico do que o geral de seus compatriotas. (1)

O romantismo no Brazil atravessou phases diversas: o primeiro momento foi de caracter *religioso*, ao gosto das *Meditações* de Lamartine. Gonçalves de Magalhães symbolisa esta feição. Seguiu-se o nacionalismo *à outrance*, por meio do *indianismo* de Gonçalves Dias. Depois veio a época *sceptica*, à moda de Byron e Musset. Alvares de Azevedo e depois B. Guimarães, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu são os seus melhores representantes.

Despertou em seguida o *naturalismo bacchico* de Varella e outros. Estava ainda em vigor esta tendencia, quando em 1862, no terreno do jornalismo, antes da reacção de Coimbra, entre nós a escola do Recife reagiu contra os nossos pretensos chefes por meio de Tobias Barreto e seu discipulo Castro Alves.

Este movimento, de caracter revolucionario, propagou-se por todo o paiz, acordando decidido enthusiasmo na escola de S. Paulo e no Rio Grande do Sul.

Dividiu-se depois em dois grupos, um critico-scientifico symbolisado nos *Cantos do Fim do Seculo*, e outro que se chamou especialmente *realista*, mistura do gosto de Zola e Richepin com as idéas de Baudelaire.

(1) *Parnaso Portuguez Moderno*, 1877.

Esta ultima fórmula conta como adeptos quasi todos os novos poetas do Brazil, o que explica-se pelo attráente da *besogne*.

Esta é a ordem chronologica na successão dos diversos momentos da idéa poetica neste seculo no Brazil.

E' facil, porém, de ver que alguns movimentos foram quasi simultaneos. A acção de Varella, por exemplo, foi contemporanea da de Tobias. A idéa varelliana, comtudo, é um tanto anterior á do escriptor sergipano. Quando o cantor das *Vozes da America* foi assistir no Recife ao apparecimento revolucionario de Tobias Barreto e Castro Alves, já elle levava um nome feito de S. Paulo, já tinha seu systema completo, e foi rebelde á acção dos dois *innovadores* do norte.

O autor destas linhas, chegando ao Recife, achou Varella e Castro Alves ausentes, para pouco depois morrerem; e encontrou Tobias voltado para a critica. Mas os acontecimentos eram recentes.

No seu tempo a escola pernambucana tomou as duas direcções simultaneas acima indicadas: a dos *Cantos do Fim do Seculo* e a especialmente *realista* de Celso de Magalhães, Souza Pinto e outros.

E' esta a tendencia que predomina hoje no Rio de Janeiro e na escola de S. Paulo. Esta ultima, nos derradeiros cinco annos, conta uma pleiade brilhante de jovens de talento que vão levando decidida vantagem á sua rival do Recife.

O movimento emancipador e critico parfiu, é verdade, da capital do norte; mas S. Paulo agora tem a primasia.

Não sei si vae nisto algum engano; mas, pelo que tenho lido, os continuadores mais intelligentes e aproveitaveis da nova fórmula da poesia nacional, com quem quizera estar de acôrdo, si certas idéas, que, talvez erroneamente, julgo mais exactas, m'o permittissem, estão em S. Paulo.

O leitor comprehenderá, sem esforço, o motivo por que insisto nesta circumstancia, que parece minima. E' que os nossos mais alentados movimentos poeticos tem sempre partido do seio das nossas faculdades de Direito. A vantagem ora está numa escola, ora na outra. Por outro lado, nas artes, como a

pintura e a musica, neste seculo, levamos incontestavelmente vantagem aos portuguezes.

Elles não tem nem um Carlos Gomes, nem um Pedro Americo ou Victor Meirelles.

Ainda mais, por nossa vivacidade, um pouco mais activa que a dos portuguezes, antes delles, nossa geração actual começou a estudar e a seguir as idéas de Comte e Darwin. Tambem os antecedemos nas longas viagens terrestres, como as de Couto de Magalhães.

A primeira collecção de contos anonymos publicada em lingua portugueza foi a deste viajante sobre as lendas *tupys*.

Os escriptores brasileiros dos quatro ultimos seculos pôdem ser divididos, na medida de seu merito, em primarios, secundarios e ainda terciarios.

Na primeira categoria só devem ser collocados aquelles espiritos de valor, que, por sua acção energica, representem um principio qualquer de differenciação nacional e de incentivo de progresso. Eu só conheço seis escriptores neste caso no Brazil:

Gregorio de Mattos, que indica, pela satyra e pelo cynismo, um momento psychologico da luta dos tres povos que iam constituindo a actual população do Brazil, e onde começa a consciencia nacional a despontar; Gonzaga, que personalisa a transformação do velho lyrismo portuguez conservado na America; Durão, que nos faz aproximar da natureza, desprezando os moldes classicos, e desperta a consciencia *brazileira*, lembrando-nos que nós não eramos só descendentes de portuguezes, mas que outras raças, como a dos *caboclos*, nos tocavam de perto; Martins Penna, que, achando já a patria constituida, symbolisa o ridiculo popular contra a chata burguezia (herança portuègueza) dos tempos da Regencia e do segundo reinado; Alvares de Azevedo, que, por meio da poesia, lançou-nos na alma as duvidas da velha Europa, indo procurar as suas inspirações sempre longe de Portugal, ensinando-nos assim o cosmopolitismo moderno; finalmente Tobias Barreto, que, como poeta, resume todos os outros, e, como critico e politico, despertou-nos de nosso atraso, retalhando bem fundo as chagas

de nossas misérias de povo inculto e semi-barbaro, provocando uma reacção benéfica.

Fóra destes seis, só conhecemos typos mais ou menos secundarios, sem grande individualidade, sem alto valor significativo.

II.

É possível que a alguns leitores do Rio de Janeiro, ainda imbuidos de lusismo, afigure-se incontestavel até hoje a grande importancia das letras portuguezas. Nas provincias eu sei bem que ninguem mais jura na santa palavra dos pontifices do Tejo. Para o publico fluminense atrevo-me aqui a depôr ainda algumas notas sobre o desenvolvimento intellectual da antiga metropole em face da antiga colonia neste seculo.

Sem entrar detalhadamente em questões de preferencias, que são sempre decididas ao sabor de nossos caprichos, venho aventurar algumas reflexões que me não parecem destituídas de fundamento.

Tanto o Brazil como Portugal fazem mesquinha figura no quadro das nações cultas, e o movimento espirital em ambos os paizes é quasi insignificante.

Entre aquillo que é mediocre e quasi nullo é obvio que se não deve muito distinguir.

Basta apreciar os dois momentos mais decisivos na vida pensante dos dois paizes neste seculo: a evolução *romantica* e a *critico-positiva*.

Naquelle, em Portugal, distinguiram-se muitos espiritos medianos, e os vultos de mais brilho foram: Herculano, Garrett, Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva e Castello Branco.

Taes escriptores, porém, que a nossa ignorancia, a par da ignorancia portugueza, tem levantado á altura de semi-deuses, não passam de figuras de terceira ou quarta ordem, cotejados pelo padrão dos *representative men* da romantica européa.

O proprio Herculano, o maior de todos, o que é ao lado de um Mommsen, de um Gervinus, de um Ranke, como historiador? O que é elle, como poeta, em face de um Goethe, de

um Schiller, de um Byron, de um Hugo? Como critico, religioso ou litterario, diante de um Strauss, de um Taine? Como estylista, á face de um Renan, de um Thierry?... Creio que a idolatria de alguns portuguezes não subirá ao ponto de duvidar na escolha, si é que de idolatras se póde esperar algum discernimento.

Nós outros, os brasileiros, nesse tempo tivemos os nossos: Magalhães, Gonçalves Dias, Azevedo, Alencar, Macedo e Varnhagen, que bem se podem pôr em parallelo com os portuguezes citados. Não mui grandes, como são, pouco tem a invejar aos seus rivaes lusos, si é que lhes devem invejar cousa alguma.

Si a *Historia do Brazil* de Varnhagen não é comparavel á *Historia de Portugal*, Herculano, por sua vez, nada possúe que se possa comparar ao trabalho do nosso historiador: *Les origines touranniennes des Américains Tupis Caribes*.

Na época actual de evolução e desenvolvimento critico, tempo imbuido de idéas positivas, Portugal apresenta a mesma inferioridade diante da Europa culta.

O que são os seus Bragas, Coelho, Cordeiros, Oliveiras Martins... em face da brilhante pleiade de jovens escriptores allemães, inglezes e até italianos, que illustram a época actual?

O velho reino não vae bem; a superioridade que suppõe ter sobre nós é meramente occasional e apparente. O que elles assim denominam não passa de mais um pouquinho de espirito litterario proveniente de sua maior cohesão social, que, por seu turno, é um resultado todo negativo, por ser filho da estreiteza do paiz.

Não é isso uma superioridade real e que os faça levantar a cabeça um pouco além do permittido.

Ainda mais, Portugal só tem uma vantagem positiva sobre o Brazil e que dá grandes proventos aos seus escriptores: o contar neste paiz uma opulenta colonia, que, para faltar a nostalgia, é a principal consumidora de seus productos.

A este imperio falta isto; o pouco que produzimos não é

lido, nem tem saída no mercado à mingua de espirito litterario e de cohesão nacional.

Aos quatro corypheus portuguezes, por ultimo citados, temos a oppôr nossos escriptores recentes : Couto de Magalhães como ethnologo, Barboza Rodrigues como naturalista, Baptista Caetano como philologo, Ladisláu Netto como botanico e Araujo Ribeiro (visconde do Rio Grande) como geologo.

Não creio que a sciencia esteja menos dignamente representada por estes illustres autores do que pelos bons portuguezes lembrados.

Si os nossos antagonistas os não conhecem, procurem minorar tal indigencia pondo-se um pouco mais a par da evolução espiritual americana, para não abundarem em disparates quando houverem de fallar a nosso respeito.

Dizem, porém, os encomiastas desajuizados das lettras lusas que nada temos a oppôr, na orbita das idéas emancipadoras, a um Ortigão, um Eça de Queiroz, um Guerra Junqueiro...

E' simplesmente opiniatico. Como já fizeram de Herculano um sem rival entre os historiadores contemporaneos, em breve irão fazer de Ramalho um commensal de Comte, de Spencer, de Buckle... quem sabe si não tambem de Häckel e Darwin?!...

O innocente autor de — *Em Paris* — escriptor que melhor se tem distinguido por sua habilidade de pamphletario nas *Farpas*, será de prompto transformado em um dos oraculos da sciencia positiva!...

Nem tanto assim... Aqui tambem ha livros e aqui tambem se estuda. Não nos queiram illudir com despropositos. Nós outros tambem temos criticos e poetas, philosophos e escriptores, munidos das novas idéas, que o positivismo e o darwinismo tem espalhado pelo mundo.

Tambem contamos anti-romanticos e anti-metaphysicos, e sectarios entusiastas do monismo scientifico. São elles, para não fallar de alguns outros : Tobias Barreto, de Pernambuco, Guedes Cabral, da Bahia, e Pereira Barreto, de S. Paulo, a

quem pôdem addir os jovens escriptores Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Lopes Trovão e J. do Patrocinio.

Si alguns destes espiritos, que mourejam quasi incognitos nas provincias, são como inexistentes para o publico fluminense, a culpa não é delles. Accusemos antes a nossa presumpção, que nos leva a crêr que o Brazil é a *rua do Ouvidor*... que os nossos homens são sómente os que fazem discursos no parlamento, para obterem as palmas dos enfastiados e os applausos dos dilettautes.

Si aquelles escriptores, com todo o valor que os distingue, permanecem obscuros, é que não vivem aos embates da *claque* fluminense, ou lisboeta, e differente é o viver desgarrado pelas vastas provincias deste imperio do estar ao conchego amigavel e animador que encontram os seus *pares* em Lisboa, por exemplo.

Assim, minha conclusão é que não ha superioridade de Portugal para o Brazil; ambos os paizes tem o privilegio de produzir epygonos; ambos vivem ajoujados á mediocridade que os distingue.

Para que então fazer selecções e ter preferencias?

Taes parallellos, além de peccarem por falta de base scientifica, trazem sempre o sainete dos odios nacionaes, que se não devem avivar.

Não é meu empenho passar agora revista ao que no Brazil se tem escripto nos diversos ramos do saber humano; antes, porém, de concluir perguntarei aos portuguezes:

— Si tanto vos ufanaes do vosso Herculano, e, por amor d'elle, já vos suppondes tão distanciados de nós, que acreditaes levar-nos vantagem pela intelligencia, tambem haveis de leval-a nas artes: e onde estão os vossos — Carlos Gomes, Victor Meirelles e Pedro Americo?

Não os conhecemos; no mundo artistico executaes o velho dito de Tacito: « Brilhaes pela ausencia. »

III

Eu disse algumas' linhas atrás que a feição *realista* vae predominando hoje em nossa poesia, e é exacto.

Não me sinto em disposição de espirito de vir tratar de novo desta questão; entre outros motivos, porque aceito o dito de Julian Schmidt: « é uma prova de incultura ainda vir hoje discutir sobre a questão vencida do *idealismo* e *realismo*. » (1)

Devo, porém, notar que esta ultima palavra foi mal escolhida pela nova, ou antes pela que se supõe nova, escola.

Sabe-se que a philosophia allemã contemporanea chama as actuaes conquistas do espirito de *realismo scientifico*, o qual muito se distingue do pretendido *realismo litterario*. Si, pois, o nosso *realismo poetico* pretende pôr-se de acôrdo com as grandes vistas da sciencia, não procurando ao menos contrarial-as, elle tem toda a razão de ser, e todos o acompanharão com fervor. Mas, si entende que a *ultima fôrma que tomou o lôdo do Sena*, como tambem dizem os allemães, é a suprema e unica verdade em litteratura, illude-se tristemente.

Si acredita que com retratos, mais ou menos descarnados, das *podridões sociaes*, achou a ultima palavra da perfectibilidade, engana-se.

O velho sestro das pinturas aphrodisiacas e picarescas é um antigo peccado romantico, amigo do passado, existente em todas as litteraturas nas épocas de decadencia.

Não seria difficil, partindo dos tempos antigos, agarrar esse pobre mono pela orelha, e atravez da Grecia, de Roma, da idade média, puxal-o até Portugal e, no seculo passado, apreciar os seus esgares no celebre *setimo* volume de Bocage!...

Neste seculo bem tolo será aquelle que, compulsando as poesias, romances e dramas romanticos, não descobrir as orelhas do macaco.

A aphrodisiaca, a erotica litteraria, é velha como o *Corcovado*; e não era mistér que Zola nol-a ensinasse, a nós que a tinhamos de sobra nas *galhofas* de nossas mulatas e nas rimas de Muniz Barreto pae.

Mas eu não desconheço que o realismo, o *falso* e *pobre realismo*, já preveniu esta objecção, que o feria de morte. Elle diz: « aquillo que os romanticos faziam por *alegria*, nós

(1) No artigo — *Realismo e Idealismo*, inserto no *Movimento*, em 1872, Recife, e num artigo sobre as *Poesias* da Sra. Narcisa Amalia, publicado na *Republica*, do Rio, em 1873, discutimos a questão.

o fazemos por *tristeza*, isto é, elles deliciavam-se com a infamia e nós queremos corrigil-a; elles a pintavam como consocios, nós a pintamos como adversarios; elles a queriam perpetuar, nós a queremos extinguir!... »

Muito bem! Si assim é, ainda neste caso, o programma não é novo, nem é vosso. Vós sobre as pinturas escandalosas choraes algumas lagrimas de *velho pessimismo*... Deveis lembrar-vos, que antes de vós, já Byron e Leopardi tinham esgotado esta veia.

Sim; a poesia, o romance, o drama, a litteratura toda emfim, deve ser *realista*, quero dizer: deve estar de acôrdo com a natureza, com a verdade, com a sciencia; deve ser um éco fiel da verdade *humana*.

Ora, esta é multipla, variada, complicadissima, tem aspectos diversos, e, por certo, a sua face minima é a que o neo-realismo apanhou, para sobre ella estender-se.

Eu não contesto a veracidade de muitas das scenas dos livros da nova escola. O defeito desta, porém, está em ter-se voltado para certo lado da montanha e suppôr que dalli descortina todo o céu.

Sempre que uma fórmula só da realidade, um lado exclusivo dos factos, pretende impôr-se pela verdade toda, temos ahi um phenomeno de pouca duração. A natureza reage e o systema cede. E' o que se deu com o romantismo: entendeu que devia chorar de mais, e acabou por *ensandecer*.

O mesmo acontecerá com o *neo-realismo*. Acabará rheumatico, como um sandeu tornado impotente pelas orgias.

A boa poesia é aquella que tem uma nota para todas as harmonias humanas. A tristeza, a alegria, a dôr, o enthusiasmo, o crime, a honra, a virtude, a devassidão, todas as faces da vida humana pôdem e devem ser vistas.

O bom realismo é aquelle que interpreta tudo isto. O mau—aquelle que vive a rimar fingidos casos eroticos, sem graça e sem elevação, desgostando-nos até das doces illusões da materia. Oxalà que alguns soubessem repetir a realidade da *belleza prostituida*; mas nem isso!

Uma obra d'arte é tanto mais *idéal* quanto mais fielmente reproduz a realidade. E' um conceito velho e verdadeiro.

Porque é que se diz que uma estatua de Phidias representa o *idéal* na arte respectiva? Justamente porque o celebre estatuário reproduziu a *verdade* das cousas. Porque é que uma lei astronomica de Newton é o *idéal* na respectiva sciencia? Porque uma lei concebida pelo grande sabio é uma fórmula comprehensiva e explicadora da evolução *natural* dos astros. O que de mais *idéal* e ao mesmo tempo mais *real* do que um axioma geometrico?

Nenhum homem de bom senso admittirá, pois, que, na hora actual, toda a humanidade tenha ingerido uma boa porção de *cantharidas* e esteja toda ella... entregue às seducções de Aphrodite!

Já vêm os nossos talentosos rapazes de hoje que o circulo da poesia é muito vasto e não se abrange todo elle só com o raio de que dispõem.

« O romancista, o poeta, deve estudar o homem *no seu trabalho*. »

Fecundas palavras de um autor germanico, que exprimem o grande, o bom *realismo*. Mas... isto não nos veio de Pariz, e nós preferimos trajar ainda à franceza.

IV.

Todas estas idéas me occorreram pela leitura dos *Novos Idéaes* do Sr. Mucio Teixeira.

Este poeta, já vantajosamente conhecido entre nós, filia-se um pouco ao realismo em voga.

Um pouco, disse eu, para fazer notar que elle não está de todo eivado pela molestia.

Não vá algum leitor menos attento suppôr que, assim me exprimindo, defendo os direitos de uma celebre seita que ahi anda intitulado-se *idéalista*. Meu intento é outro; advogo o largo realismo contra o estreito, e, posto este em face do idealismo aleijado, eu o aceitaria de preferencia ao ultimo.

Quando digo que Mucio Teixeira não está de todo devastado

pelo mal, quero expressar que sua lyra tem outras cordas, além da hoje vibrada por *moda*, isto é, elle não amputou a verdade.

Assim, em seu bello livro, a *primeira parte*, sob o titulo *Flôres do Pampa*, muito me agradou, porque é *realista*, máu grado a moda, quero dizer, exprime a *verdade* da vida *pampeana* pelo seu lado innocente e sério.

O poeta não teve necessidade de encher aquella parte de seu livro de almas enfermas e de pernas e corpos nús...

E elle fez bem.

Mucio Teixeira é homem de seu tempo, e obedece ás inclinações da época; é tambem homem de seu paiz e não esquece o meio em que ha vivido. Seu livro accusa este dualismo a que obedecem sempre os bons poetas.

Esse moço tem já produzido e publicado muito, e conta apenas 22 annos de idade. Seu espirito é generoso e franco; seu talento aberto a nobres impulsos.

Seu temperamento é e será sempre o de um poeta. Difficilmente tomará outra direcção.

Nem elle deve fugir ao seu destino; no meio do nosso pavoroso epygonismo litterario, está predestinado a representar um grande papel.

Mucio Teixeira é um cimo no meio de algumas dezenas de rapazes, que ali vivem a fazer... *alexandrinos* cheios de *párias*, de *crimes esverdeados*, de *alcouces e barregãs*, e outras tantas palavras obrigatorias, depois que se lhes metteu em cabeça que o portuguez Guerra Junqueiro é um grande vulto que deve ser imitado.

Bem cêgo, porém, é quem custa a ver que Junqueiro não fez mais do que pegar no ar algumas sedições idéas socialistas e revesti-las da velha fôrma eriçada de Victor Hugo em decadencia.

Si o desejo é seguir a fôrma do bello lyrismo do Hugo dos bons tempos, não será então preciso atravessar o Atlantico para ouvir Junqueiro.

Nós, antes d'elle, tivemos as arrojadas producções de Tobias Barreto e de Castro Alves.

Mucio Teixeira parece ter recebido sua actual intuição litteraria do portuguez citado.

Pela fôrma já disse que era inutil tel-o feito ; quanto ao fundo, *soi disant* moderno e exacto, aquillo é moeda velha entre nós. Desde 1868 deu o que podia dar na escola do Recife, nas mãos de Celso de Magalhães, de Souza Pinto e outros.

Deixemos Portugal em descanso e estudemos o nosso paiz e a culta Europa, que não será pouco.

Nesse rumo teremos muitos fructos a colher, e Mucio Teixeira, si o quizer, ha de ser dos mais avantajados na faina.

Seu ultimo livro é uma realidade ; mas seu talento promette ainda mais.

SYLVIO ROMERO.